

Revista

UNISOL Brasil

Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários

Dezembro 2011 / Janeiro 2012 - Distribuição Gratuita

SETORIAIS:

Desenvolvimento e
Sustentabilidade dos
Empreendimentos





A UNISOL Brasil (Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários), com o apoio da Fundação Banco do Brasil, do Sebrae (Agência de Apoio ao Empreendedor e Pequeno Empresário) e do SDT/MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), desenvolveu uma maneira eficaz para que os empreendimentos, localizados em todo o território nacional, tenham acesso a tudo o que diz respeito ao mundo da Economia Solidária. Hoje o Jornal da UNISOL Brasil busca informações do que acontece no dia a dia das cooperativas, além de acompanhar importantes reuniões que envolvem dirigentes da instituição e parceiros, no sentido de beneficiar cada vez mais os trabalhadores e seus negócios, levando informações de qualidade para o Brasil e o mundo.

As notícias também estão ao alcance de um clique, basta acessar o site **www.unisolbrasil.org.br** e se preparar para ficar muito bem informado.



INDÍCE

- Editorial
- 04** UNISOL Brasil
- 05** SDT/MDA
- Entrevista
- 06** O grande desafio de construir as redes e cadeias produtivas
- 10** Setoriais nos Estados
- Visão Institucional
- 12** Situação e perspectivas dos setoriais da UNISOL Brasil
- 14** Setoriais: união e solidariedade na perspectiva de uma nova sociedade
- Setoriais da UNISOL Brasil
- 16** Agricultura Familiar
A Agricultura Familiar no foco da UNISOL Brasil
- 20** Alimentação
Setorial da Alimentação: alimento saudável para os brasileiros
- 24** Apicultura
Apicultura: qualidade brasileira para o mundo
- 28** Artesanato
Setorial do Artesanato abrindo caminhos para a cultura popular
- 32** Confeção têxtil
Setorial de Confeção e Têxtil: tecendo sonhos
- 36** Fruticultura
Na fruticultura, diversidade e espírito empreendedor
- Entrevista SDT/MDA
- 40** Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais
- 44** UNISOL Brasil: ações e perspectivas para o desenvolvimento da agricultura familiar sob a ótica da economia solidária
- Acontece
- 47** UNISOL Brasil: Notas

Expediente

Núcleo de Planejamento Editorial
MGiora Comunicação

Projeto Gráfico, Diagramação e Revisão
MGiora Comunicação

Fotografias
Acervos: Empreendimentos da UNISOL Brasil, TV dos Trabalhadores (TVT)

Publicação de
UNISOL Brasil – Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários
Endereço: Travessa Monteiro Lobato, 95 – São Bernardo do Campo/SP – Brasil – CEP - 09721-140
Telefone: (11) 4127 4747
www.unisolbrasil.org.br
unisol@unisolbrasil.org.br
Presidente: Arildo Mota Lopes

Tiragem
5.000 exemplares

Dezembro 2011/Janeiro 2012

EDITORIAL

UNISOL Brasil



Arildo Mota Lopes,
Diretor-Presidente da UNISOL Brasil

Hoje quando falamos de territórios, não estamos falando só de um espaço físico delimitado. Estamos falando também das relações humanas, de todos os urbanos e rurais que ocupam

uma região a usam, a controlam e se identificam como sendo daquele local. Daí surge à idéia de territorialidade que pode até ser diferente das divisões tradicionais de município, estados e regiões.

O avanço nas ações de territorialidade se dão através de investimentos diretos e indiretos nos vários espaços da vida. Mais recentemente, o que é a novidade, tem focado os maiores esforços nos arranjos institucionais de concertação política e em redes da sociedade civil.

Na construção de uma agenda positiva para com o fortalecimento dos territórios o governo Lula propiciou a liberação de créditos nunca antes liberados; ações estruturantes do meio rural; liberação de créditos habitacionais; ações de proteção ao produtor e a agricultura familiar; desenvolvimento de políticas e ações de fortalecimento da economia solidária; leis de fortalecimento das pequenas e micro empresas e celebração de convênios. Todas estas se constituíram em ações de forte impacto nos pequenos municípios.

Por outro lado houve um avanço grande do "consumo consciente". Os produtos, para muitas pessoas, passaram a ter uma conotação muito mais importante que simples mercadoria para suprir suas necessidades. Outras demandas aparecem agregadas aos produtos, como: ter um preço justo, ser de produção sustentável, ter uma certificação, ser da economia solidária, não conter trabalho infantil etc.;

Arrisco-me a tecer algumas considerações sobre as possibilidades geradas pelos empreendimentos de economia solidária nos territórios.

A primeira consideração é que a agricultura familiar ainda é a grande produtora de produtos da cesta

básica, tendo uma importância estratégica na segurança alimentar;

A segunda é a grande capilaridade que tem as ações nos territórios, pois os municípios, na sua grande maioria, estão localizados em regiões distantes, com mercados desabastecidos o que torna os empreendimentos de economia solidária os principais provedores da maior parte do abastecimento institucional e familiar direto. Daí sua importância estratégica na aplicação das políticas públicas;

A terceira consideração possível é que com estas ações e a disponibilidade de mão de obra nos territórios, os empreendimentos de economia solidária estão se tornando os grandes responsáveis pela geração de postos de trabalho e de industrialização coletiva no interior, principalmente no que se refere à mão de obra feminina. São, assim, estratégicos na industrialização do interior, na fixação da família nos territórios, na geração de renda e nas relações de gênero;

Então, os caminhos possíveis para os empreendimentos de economia solidária são:

- a) Produção de produtos diferenciados destinados à venda direta em mercados locais e institucionais;
- b) Industrialização coletiva da produção para atendimento aos mercados locais, regionais, nacionais e internacionais;
- c) Buscar a articulação em rede como estratégia de ação dentro das cadeias produtivas para dominá-las total ou parcialmente;
- d) Produção em bases sustentáveis.

Todos estes elementos estão sendo trabalhados junto aos associados da UNISOL Brasil. Uma parceria muito exitosa com o Ministério do Desenvolvimento Agrário através da Secretaria de Desenvolvimento Territorial, vem possibilitando o acompanhamento técnico, consultoria e a capacitação dos trabalhadores e trabalhadoras.

As mais diferentes ações desta parceria propiciaram atender aos empreendimentos em suas demandas e contribuir para a consolidação de seu desenvolvimento econômico e social, bem como aprofundar conhecimentos técnicos de gestão e negócios acerca de seus objetos de trabalho.

Mas acima de tudo nossa relação é exitosa porque podemos oferecer uma melhoria nos negócios dos filiados à UNISOL Brasil e com isso melhorar a qualidade de vida dos associados aos empreendimentos.

EDITORIAL SDT/MDA

A Secretaria de Desenvolvimento Territorial, do Ministério do Desenvolvimento Agrário, (SDT/MDA), foi criada em 2003, tendo como missão apoiar a organização e o fortalecimento institucional dos atores sociais locais na gestão participativa do desenvolvimento sustentável dos territórios rurais e promover a implementação e integração de políticas públicas. Para isso, vem implementando o Programa Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais (Pronat) e apoiando as ações estratégicas do Programa Territórios da Cidadania (PTC).

A SDT desenvolve inúmeras ações nos territórios rurais, tais como: planejamento estratégico territorial; articulação e assessoria às organizações sociais, redes sociais e colegiados territoriais; apoio a processos de inclusão produtiva e fomento ao cooperativismo e associativismo; incentivo à organização da produção e comercialização dos produtos da agricultura familiar e da economia solidária; à realização de negócios; à projetos estratégicos de afirmação setorial; à organização da juventude; articulação de políticas públicas; educação do campo; estímulo à expressão da diversidade cultural; assessoria para elaboração de projetos; entre outros

Os territórios são demarcados, a partir de sua identidade política ou cultural, de suas referências históricas. O diferencial da abordagem territorial é a ação articulada, a gestão compartilhada entre governos (federal, estadual e municipal) e a sociedade. Para isso é fundamental a articulação das políticas públicas, a qualificação da gestão, a definição dos projetos estratégicos e o controle social.

Os territórios possibilitam o diálogo entre o governo e a sociedade civil. São espaços de construção do desenvolvimento sustentável de forma planejada e participativa. Construir o desenvolvimento é construir e fortalecer as identidades territoriais. O novo Brasil rural toma como ponto de partida as dimensões da sustentabilidade: ambientais, político-institucional, sociocultural educacional e socioeconômicas.

A SDT está atualmente comprometida com o Plano Brasil Sem Miséria, lançado pela presidenta Dilma no dia 2 de junho. A inclusão produtiva é o foco do Plano para o Brasil rural. As novas medidas vão estruturar a capacidade de produção da agri-

cultura familiar com uma assistência técnica diferenciada e fomento para geração de renda. A população extremamente pobre no campo representa 47% do público foco



Jerônimo Rodrigues Souza,
Secretário de Desenvolvimento Territorial do MDA
(Ministério do Desenvolvimento Agrário)

do Brasil sem Miséria. O cooperativismo tem um papel importante no combate à pobreza extrema, propiciando a inclusão produtiva no Brasil Rural e ampliando a produção de alimentos, por meio do fortalecimento da organização da agricultura familiar.

Segundo dados estatísticos, mais de 70% dos produtos da cesta básica são oriundos da agricultura familiar. Isso atesta a importância que a mesma tem no processo de garantia da segurança e soberania alimentar do país, o que tem um reflexo positivo na economia nacional.

Porém, o grande desafio ainda está no campo da transformação e comercialização dos produtos – setores estes que são responsáveis por grande parte da agregação de valor, mas que nem sempre estão sob a governança da agricultura familiar. Além disso, em ação isolada, individualizada, os empreendimentos familiares apresentam condições limitadas de inclusão no mercado. Para superar esses desafios e limites, os empreendimentos cooperativos têm papel importante.

As parcerias estabelecidas entre a SDT e a Unisol buscam enfrentar alguns destes desafios pois permitem capacitar, ampliar e consolidar a organização da agricultura familiar por meio dos empreendimentos cooperativos e das redes sociais de cooperação e economia solidária, fortalecendo a dinamização econômica nos territórios rurais e contribuindo significativamente para a superação das desigualdades e para a erradicação da pobreza.

O grande desafio de construir as redes e cadeias produtivas

Nelsa Fabian Nespolo
Diretora do Difesol

Geração de trabalho, complemento de renda e obtenção de mais ganhos. São características que chamaram a atenção no início da década de 90, quando a Economia Solidária surgiu. Alternativa de gestão coletiva de um empreendimento e de melhores condições de acesso ao crédito, a Economia Solidária se popularizou e logo envolveu 1,6 milhão de homens e mulheres, em 2.933 municípios do Brasil. Quem conta essa história, acompanhou de perto todo o processo. Nelsa Fabian Nespolo é hoje diretora do Difesol (Departamento de Incentivo e Fomento à Economia Solidária), da Secretaria da Economia Solidária e Apoio à Micro e Pequena Empresa, do governo do Rio Grande do Sul, e também atuou como diretora da UNISOL Brasil. Ela explica quais as conquistas e desafios a serem vencidos por quem atua neste novo conceito de fazer uma economia mais justa.

A partir de quando os empreendimentos solidários começaram a ganhar força no Brasil? Por quê?

A grande maioria dos empreendimentos da economia solidária teve seu início na década de 90.

Segundo o mapeamento nacional da economia solidária, os motivos principais para o engajamento das pessoas nos empreendimentos solidários são a busca de alternativa ao desemprego (46%); complemento de renda (44%); ou obtenção de



mais ganhos (36%). Porém, chamam a atenção dois outros motivos, que são possibilidade de gestão coletiva da atividade e as melhores condições de acesso ao crédito.

A motivação desses empreendimentos geralmente é econômica, porém, se houver uma concepção de sociedade, valores de coletividade e uma gestão participativa, não conseguem se manter no que denominamos de economia solidária. Podem, sim, ser um empreendimento econômico como tantos outros.

Em quais os setores eles estão mais presentes e por quais motivos?

Na economia solidária é muito forte a agricultura familiar, envolvendo a agropecuária, o extrativismo e a pesca. Segundo o mapeamento, isso representa 41% da economia solidária, sendo 17% na área dos alimentos e bebidas, 17% no artesanato e 13%

no setor de Confecção e Têxtil. Esses segmentos são fortes porque a economia solidária se organiza a partir do que as pessoas já sabem fazer.

O que os empreendimentos solidários representam na economia nacional e regional? (volume financeiro, número de trabalhadores envolvidos etc.)

Os empreendimentos de economia solidária hoje envolvem 1 milhão e 650 mil homens e mulheres, participando de 21.859 empreendimentos econômicos, em 2.933 municípios do Brasil. Ou seja, há empreendimentos em 53% dos municípios brasileiros. Estima-se que isso signifique 2% do PIB (Produto Interno Bruto), mas ainda é necessário um maior estudo, por causa da grande informalidade, que atinge 36,5% de nossos empreendimentos.

Quando os empreendimentos solidários começaram a se organizar em redes e cadeias?

A UNISOL Brasil construiu uma análise estratégica de que, para fortalecer os empreendimentos filiados a ela e, ao mesmo tempo, contribuir mais para o fortalecimento da economia solidária, deveríamos organizar os vários empreendimentos em setores econômicos. A sociedade se estrutura desta forma e as organizações sindicais, sobretudo na CUT (Central Única dos Trabalhadores), também. O primeiro encontro nacional de empreendimentos da economia solidária, realizado em 2004, também teve seu momento forte quando os empreendimentos de todas as regiões do Brasil se reuniram por setor.

Portanto, essa estratégia de organização nos fortalece, pois unimos e reunimos os que têm realidades comuns, na perspectiva maior que é construir as redes e cadeias. Essas sim, se propõem a construir uma mudança estrutural na sociedade, organizadas de forma a envolver todos os elos da produção, para chegar a um produto final. Quando conseguimos isso, agregamos valor aos trabalhadores envolvidos e temos mais autonomia. Fazemos uma autogestão

em que todos se colocam na mesma perspectiva, por atuarmos de forma coletiva e não individualmente. Nossas bases se constroem na equidade, contrária a exploração. Portanto, aos poucos avançamos para uma divisão justa de renda. Esse debate se acentuou muito a partir do início deste século e, hoje, já temos várias iniciativas pelo Brasil afora.

Qual o papel da UNISOL Brasil nesse processo?

A UNISOL Brasil tem papel determinante como entidade de representação que organiza os seus empreendimentos e também constrói uma concepção de sociedade que queremos e a maneira como a economia deve se organizar. Tem também papel determinante porque é dirigida pelos próprios empreendimentos e está em todo o território brasileiro. Atua nos mais diversos setores e possui o que mais vem avançando nas redes e cadeias produtivas. Além disso, tudo é papel fundamental da UNISOL Brasil buscar parcerias e ajudar a dar todos os elementos possíveis para que a construção das redes e cadeias aconteça e para ajudar os empreendimentos a enfrentar o debate sobre a forma de organização da economia.





***Quais os desafios e gargalos comuns aos setores?
Como superá-los?***

Construímos em 2010 uma análise mais aprofundada de 7 dos 10 setores da UNISOL Brasil. Fizemos seminários com os empreendimentos destes setores, trouxemos consultoria, avaliamos ações e definimos prioridades de formas de organização e bandeiras de luta, além de ampliarmos o quadro de coordenadores. Estamos falando de Brasil e, portanto, temos empreendimentos em cada extremo do País, sendo que nosso grande desafio é buscar parceiros, como já temos hoje (Sebrae, FBB, MDA) para promover intercâmbios no sentido de nos aproximarmos cada vez mais.

Qual o papel do poder público para impulsionar os empreendimentos solidários?

É muito importante que nossas bandeiras de luta se transformem em políticas públicas, para que não percamos as conquistas com as mudanças de governo. Quando falamos em redes e cadeias, isto significa muita articulação e aproximação entre os atores internos dos empreendimentos, mas também entre os atores públicos e atores sociais. E todos são importantes. Devemos trazer cada vez mais para o nosso debate políticas de Estado que

ajudem a impulsionar e consolidar a economia solidária, como a questão tributária diferenciada, a mudança da lei do cooperativismo, compras públicas da Ecosol, nos moldes da merenda escolar e outras questões.

Ainda há preconceito em relação aos empreendimentos solidários? Por quê?

Hoje isso é menos forte do que em outros momentos, pois o avanço que tivemos em qualidade e diversidade de nossos produtos faz com que cada vez ocupemos mais espaços na sociedade. Reflexo disso é também o grande número de cidades e estados pelo Brasil a fora que criaram e implantaram leis da economia solidária. A grande maioria dos trabalhadores da economia solidária são pobres, então temos também um preconceito de classe social.

Quais os principais objetivos da troca de experiências entre redes e cadeias para os setores?

A troca de experiência é fundamental para intercambiar conhecimento, tecnologias e ideologia. Faz todos crescerem e também contribui para a construção de redes e cadeias,

pois provoca o encontro dos diferentes elos para se juntarem. São momentos de confronto das diversas formas de fazer as coisas e ajuda também a ver que temos e somos um projeto nacional e que as fronteiras se derrubam na ação que desenvolvemos.

Como você avalia o projeto do SDT/MDA para auxiliar os setores? Quais os principais pontos desse projeto e quais os resultados que já podem ser sentidos?

O projeto do SDT/MDA é de muita importância porque proporcionou o encontro de vários setores da UNISOL Brasil, a troca de experiência e vem realizando as oficinas em vários estados. Os empreendimentos se animam, renovam energia, constroem análises, ou seja, motivam as pessoas para olharem sua realidade e ação com outro contexto e perspectiva, além de vislumbrarem as redes e cadeias possíveis, e já iniciarem um processo de articulação.

Quais são as propostas da UNISOL Brasil para os setores para o próximo período?

Proporcionar o encontro dos setores que não se reuniram em 2010 e avançar na implementação das ações definidas nos encontros já realizados. Vamos ter um momento de maior capacitação com todos os coordenadores eleitos. Cada setor que tinha seu coordenador eleito em Congresso da UNISOL Brasil passou a ter mais cinco coordenadores eleitos nos encontros. Então, temos um quadro de pessoas bastante comprometidas e é importante que se apropriem cada vez mais do trabalho que estamos realizando.

Nossa perspectiva é continuar promovendo os intercâmbios e, juntos, buscar parceiros para avançar em cada setor, na análise, nas tecnologias, na infraestrutura, nos equipamentos, nas políticas públicas e para que cada um se sinta comprometido com o setor, com a UNISOL Brasil, com a economia solidária e com a construção desta sociedade que tanto queremos, que distribua renda e faça acontecer a inclusão com justiça social.



SETORIAIS NOS ESTADOS



Cooperativismo Social



Reciclagem



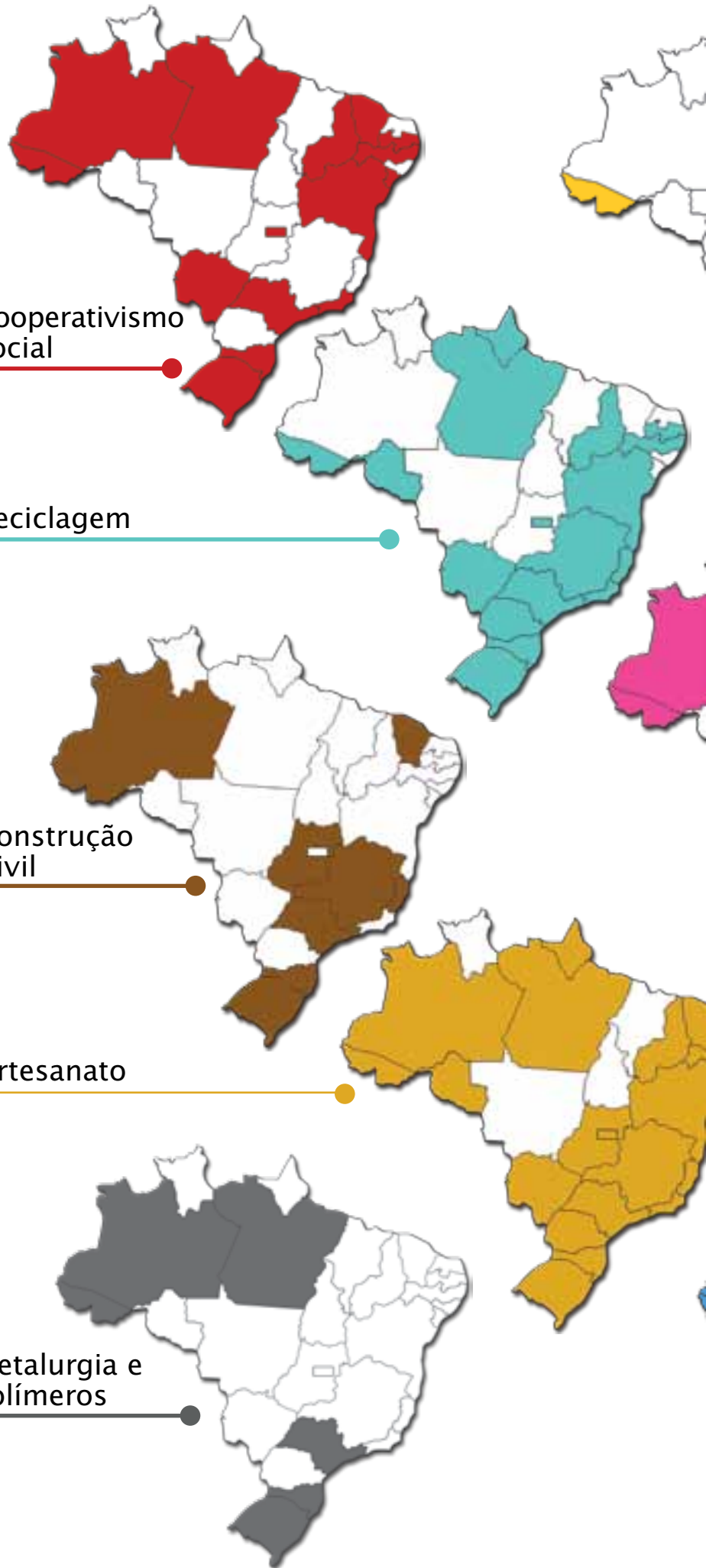
Construção Civil

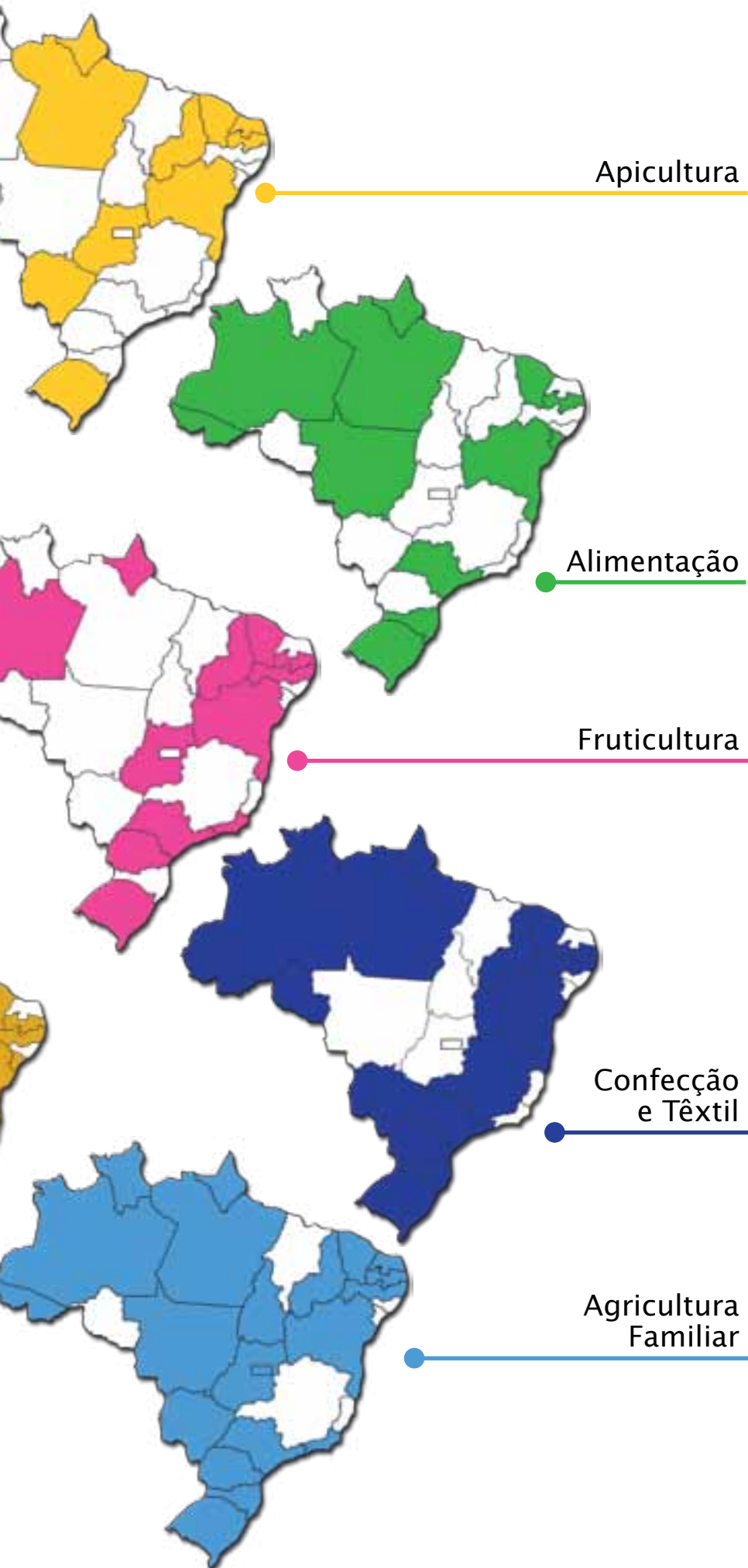


Artesanato



Metalurgia e Polímeros





Apicultura



Alimentação



Fruticultura



Confeção e Têxtil





Agricultura Familiar




Situação e perspectivas dos setoriais da UNISOL Brasil

Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários avalia seu desenvolvimento



A Fruticultura, da mesma forma que a Agricultura Familiar, tem experimentado crescimento. É um setor que não é constituído só pelo meio rural, mas se junta com o meio urbano, onde são beneficiadas as frutas, que se transformam em outros produtos, como é o caso do caju e da uva.



O setor de Confecção e Têxtil também é um dos setores presentes em quase todos os estados, mas que tem muita dificuldade de obter um mercado direto. A maior parte das cooperativas e associações tem sua produção terceirizadas e, portanto, não conseguem agregar valor. Poucas têm produtos próprios e falta infraestrutura, qualificação e equipamentos. É um setor essencialmente composto de mulheres e o vejo como um dos que merecem uma atenção especial, mesmo porque as importações, legais ou não, desvalorizam o produto brasileiro. Um grande desafio é a construção de cadeias com produtos de como o PET, a bananeira e o bambu.

O maior desafio do setor de Artesanato está em produzir produtos com a cara de nosso país e que sejam utilitários e com qualidade, buscando sobretudo os detalhes e as matérias primas da terra. Já temos produtos de muita qualidade, mas temos que avançar no design e também na qualificação. Teremos grandes eventos no Brasil, que são para este setor um desafio direto.

Entre os que realizaram encontros em 2010, o da Agricultura Familiar é um setor em crescimento, mas, ao mesmo tempo, sofre ainda as consequências de um país que não viveu a reforma agrária, embora tenha conseguido construir políticas públicas de inclusão e crescimento como a Merenda Escolar, PRONAF, PPA. É o setor que mais cresce dentro da própria UNISOL Brasil. Está em todo o território nacional e é um setor fundamental na organização de várias cadeias produtivas.

A Apicultura está bem organizada em rede no Nordeste. É um setor muito articulado com a agricultura familiar e que cresce muito, sobretudo após a criação de programas como o das compras públicas. Sua ampliação exige qualificação e adaptação nas infraestruturas, que são as casas de mel. Agrega valor na certificação e se amplia pelo Brasil afora.

O setor da Alimentação se articula junto com a agricultura familiar, com a fruticultura, com a apicultura e, ao mesmo tempo, tem uma produção própria. Para a UNISOL Brasil creio que, a exemplo da Confeccção, há

desafios nas infraestruturas, na qualificação e na diversificação de produtos. Temos um nicho de mercado no diferencial e sobretudo na produção orgânica, mas faltam ainda investimentos. O setor está no foco do que acreditamos que agrega valor e melhora a vida dos trabalhadores.

Um setor que se sente ameaçado, sobretudo pelos incineradores, é o da Reciclagem. Contudo, com a implementação da lei nacional dos resíduos sólidos, que prioriza a coleta seletiva, nos pequenos ou grandes municípios isso se tornará cada vez mais presente. É importante para o meio ambiente, mas também para o crescimento deste setor, que se amplia cada vez mais. Ainda precisamos avançar para agregar valor a este setor, pois as condições de trabalho são bastante precárias. Ainda surgem embriões de cadeia, como os varais de pet. Assim, precisamos desenvolver tecnologias para transformar essas matérias primas recicladas em produtos, pois nossos empreendimentos estão mais situados nas coletas e na reciclagem. Desta forma, os atravessadores é que transformam as matérias primas nos produtos que agregam valor.

Em 2010 não foi possível reunir alguns setores, entre eles o da Construção Civil, que está mais localizado em algumas regiões do Brasil e vem desenvolvendo processos de construção de moradias, especialmente com tecnologias que respeitem o meio ambiente e que utilizem produtos e matérias primas alternativas. É um dos setores com maior crescimento no país, sobretudo em função do déficit habitacional e de programas como o Minha Casa, Minha Vida. Ao mesmo tempo, existe uma disputa de mercado com grandes construtoras. Nosso desafio é a qualificação, para crescermos juntos com as cooperativas habitacionais dentro da UNISOL Brasil.

O setor das Cooperativas Sociais necessita de maior aprofundamento e entendimento sobre a natureza de sua ação. São os empreendimentos que têm a população mais vulnerável da sociedade ou atua junto a ela, mas ao mesmo tempo, o que produz se encaixa em algum dos demais setores, seja na Confeccção, na Alimentação ou no Artesanato. Temos um grande desafio que é a lei para regulamentar o que são cooperativas sociais. É um setor que precisa fazer com que o Estado se comprometa cada vez mais com esta população atingida.

A Metalurgia e Polímeros, é o setor organizado há mais tempo na UNISOL Brasil e já desenvolveu vários encontros ao longo dos anos. É necessário fazer uma análise maior sobre nossa estratégia para este segmento econômico, pois quase todos os empreendimentos estão fazendo produtos não acabados. Assim, como vamos nos impor no novo modelo econômico que aí está? Por outro lado, a discussão sobre as tecnologias limpas e o compromisso com o meio ambiente é um debate importante, bem como a questão de como criar produtos alternativos nesta perspectiva. O setor tem um peso muito grande na economia do país. Mas, com o crescimento econômico, ele estagnou internamente na UNISOL Brasil. Hoje nos perguntamos se devemos aguardar que as empresas entrem em processo de falência para transformá-las em cooperativas ou se devemos criá-las a partir de um modelo no qual acreditemos.

Setoriais: união e solidariedade na perspectiva de uma nova sociedade



A decisão estratégica da UNISOL Brasil, tomada em 2007, de organizar as associações, cooperativas e demais empreendimentos solidários a ela filiados por áreas de atividade, na perspectiva da construção das redes e cadeias produtivas, consolidou-se no II Congresso da entidade, realizado em julho de 2009. Essa decisão permitiu o direcionamento das ações e contribuiu para o fortalecimento do conjunto dos empreendimentos filiados. Hoje a UNISOL Brasil conta com 10 setoriais, a saber: Agricultura Familiar, Alimentação, Apicultura, Artesanato, Confecção e Têxtil, Construção Civil e Habitação, Cooperativas Sociais, Fruticultura, Reciclagem e Metalurgia e Polímeros.

O objetivo de construir redes e cadeias produtivas, como a Justa Trama, Trama da Mata, Cocajupi, Casa Apis e Ecouni vem sendo perseguido

cotidianamente pela UNISOL Brasil, por meio da realização de encontros setoriais para o intercâmbio de experiências e fortalecimento dos empreendimentos, colaborando com a economia solidária, com base no trabalho coletivo, e na luta pela distribuição justa de renda.

A construção de redes e cadeias produtivas, por meio do fortalecimento e desenvolvimento de cada setorial, trabalha com a ideia de confrontar o sistema capitalista de forma estrutural, objetivando uma sociedade mais justa, sem as desigualdades sociais que hoje vivenciamos. Se, no sistema capitalista, predominam a atuação e os interesses individuais, na economia solidária prevalecem os interesses e a ação coletiva. Se, no capitalismo, a propriedade e a gestão são privadas, na Economia Solidária os empreendimentos são auto-geridos de forma democrática e a

propriedade é coletiva. Responsabilidades e benefícios são compartilhados e aí residem a força e as possibilidades da economia solidária.

A organização setorial dos empreendimentos leva em conta as afinidades entre eles, mas, sobretudo, busca seu fortalecimento face a uma determinada área de atividade econômica. Unidos, coordenados e atuando de forma comum, os empreendimentos têm mais condições de encontrar soluções para seus problemas e ampliar seus negócios, em benefício de todos.

Há grandes desafios comuns a todos os setoriais, e que são também enfrentados por cada um de seus empreendimentos. Eles se relacionam à falta de recursos financeiros, à necessidade de maior qualificação dos empreendedores e cooperados e, também, às dificuldades de acesso aos mercados, muitas vezes até mesmo devido às distâncias entre esses empreendimentos e os centros consumidores, o que exige maior planejamento e logística para a comercialização da produção. Neste sentido, a atuação da UNISOL Brasil e de seus parceiros é fundamental, por meio dos setoriais e da construção e consolidação das redes e cadeias produtivas. Assim, uma das propostas é a criação de polos de comercialização dos produtos da Agricultura Familiar nos estados, onde haja espaço físico para que os empreendimentos exponham seus produtos.

Quanto à escassez de recursos, a organização setorial também fortalece os empreendimentos para o acesso ao crédito, mas é necessária mudança estrutural e institucional, para que isto ocorra na proporção e amplitude necessárias. Trata-se da aprovação da lei do cooperativismo (Projeto de lei nº 4622/2004), que eliminará barreiras e exigências incompatíveis com a natureza e o papel social dos empreendimentos da economia solidária no Brasil. Algumas políticas públicas importantes têm sido conquistadas, mas é preciso avançar

ainda mais, e este debate também está pautado nos setoriais da UNISOL Brasil.

Nos encontros setoriais – que contam com parcerias e consultorias do Ministério do Desenvolvimento Agrário, Sebrae, Fundação Banco do Brasil, DRS/ Banco do Brasil, entre outros – cada um dos setores recebe informações fundamentais e pode avaliar a conjuntura em que atua e seu peso específico na economia. Pode também avaliar seu papel na estratégia de desenvolvimento da UNISOL Brasil. Nos encontros são também discutidos e decididos os planos específicos de cada setor, visando atender não somente às expectativas de cada empreendimento, como também possibilitar o fortalecimento do conjunto do setorial.

No ano de 2010 foram realizados os encontros setoriais da Agricultura Familiar, Alimentação, Apicultura, Artesanato, Confecção e Têxtil, Fruticultura e Reciclagem. Os demais setoriais (Construção Civil, Cooperativas Sociais e Metalurgia e Polímeros) estão previstos para se reunir no fim de ano de 2011 e início de 2012.

O projeto Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais, que vem sendo desenvolvido em parceria entre a UNISOL Brasil e o Ministério do Desenvolvimento Agrário está totalmente inserido nesta perspectiva estratégica. Ele busca potencializar os diversos setoriais e, dentro deles, cada um dos empreendimentos, por meio da informação e da qualificação, não apenas de seus participantes, mas da própria gestão, sem perder de vista o objetivo maior, que é o fortalecimento e consolidação de redes de empreendimentos solidários.

Desta forma, de maneira solidária e coletiva, a luta e a caminhada continua. No sentido da organização mais justa da economia brasileira, na perspectiva de novo modelo de sociedade que queremos construir.

AGRICULTURA FAMILIAR

A Agricultura
Familiar no foco
da UNISOL Brasil





Para a UNISOL Brasil, a Agricultura Familiar tem a missão de cuidar de todas as dimensões da vida no meio rural. Ela envolve proprietário, meeiro, parceiro ou posseiro, assentado da reforma agrária, quilombola, extrativista, indígena, ribeirinho, faxinalense e pescador artesanal, entre outros, que residem, autogerem e trabalham

a terra e obtêm a maior parte da renda da atividade rural. Eles podem se organizar formal ou informalmente, não usam transgênicos e têm a agroecologia como meta. Não devem possuir área maior que os determinados regionalmente, por meio dos módulos rurais como pequena propriedade.





A Agricultura Familiar exerce papel fundamental no que se refere à geração de ocupação e renda nos campos do Brasil. São esses agricultores os responsáveis pelo alimento que chega à mesa dos brasileiros. Segundo dados oficiais, cerca de 70% do que se faz presente nas mesas advém da Agricultura Familiar.

Para tanto, um longo e árduo caminho foi percorrido. As estruturas de organização comunitária, a organização da produção e a organização para comercialização tiveram que passar por um processo de estruturação continuada. E é com esse foco que a UNISOL Brasil procura desenvolver ações nos municípios, junto às comunidades em que esse tipo de organização acontece, buscando melhoria social local em conjunto com a inclusão.

O setorial ainda passa por algumas dificuldades estruturantes, como a falta de recursos financeiros e, devido a essa escassez existem desafios para viabilizar assessoria técnica qualificada de que tanto necessitam. Ao mesmo tempo, os empreendimentos estão nos centros consumidores, o que exige maior planejamento e logística para a comercialização da produção.



“O setorial da agricultura familiar da UNISOL contribuiu bastante para a organização da Coopasub, com ações em Assessoria Jurídica e formação de produtores como os cursos de Planejamento Econômico e Cooperativismo.”

*Izaltiene Rodrigues Gomes
Presidente da Coopasub
Vitória da Conquista/Bahia*



ALIMENTAÇÃO

Setorial da
Alimentação:
alimento saudável
para os brasileiros



Na UNISOL Brasil o setorial da alimentação é formado por associações, cooperativas e grupos que trabalham com produtos alimentícios e utilizam matérias-primas que, em parte, são fornecidas pela agricultura familiar. Esses empreendimentos têm como visão a inclusão social, cultural, de gênero, a preservação do meio ambiente, a segurança alimentar, a saúde pública, bem como a promoção de alimentos e a culinária, tradicional e local.





No encontro do setorial realizado em setembro de 2010 na cidade de Campina Grande, na Paraíba, foram destinadas ações que têm guiado a tomada de decisões dos empreendimentos do ramo alimentício da UNISOL Brasil.

Entre as ações está a implantação de redes e cadeias, com o objetivo de realizar compra e venda dos produtos de todas as regiões, evitando a ação dos atravessadores. Também foi decidida a realização de intercâmbios entre os empreendimentos com o objetivo de fortalecer o setor, conhecendo as práticas existentes. Outra decisão foi a de promover capacitação de modelos de gestão, sobre as políticas públicas e programas de governo para a Agricultura Familiar; e, finalmente, organizar plataformas de lutas, para discussão da economia solidária nas regiões, de forma a possibilitar a reivindicação de legislação específica; financiamento para a produção de alimentos na área urbana; promover a reeducação alimentar escolar e o fornecimento de merenda escolar, entre outras questões.



O maior objetivo do setorial da Alimentação da UNISOL Brasil é contribuir para que o alimento chegue com sanidade, segurança e qualidade às mãos dos brasileiros, fortalecendo cada empreendimento da economia solidária para que continuem gerando renda e dignidade aos trabalhadores neles envolvidos.



“A Coopernut surgiu em uma Assembléia Paroquial. Hoje, com 10 anos de existência, possui 28 associados e muitos clientes, graças ao apoio de entidades como a UNISOL Brasil. Fomos perseverantes e progredimos. Esse é o caminho.”

*Avani de Araújo Silva
Presidente da Coopernut
Campina Grande/Paraíba*



APICULTURA

Apicultura:
qualidade
brasileira para o
mundo





As associações, cooperativas e grupos que formam o setorial da apicultura da UNISOL Brasil estão cada vez mais organizados e sempre em busca de especialização para atuar no setor. Eles trabalham com mel e derivados da abelha e têm como foco principal a renda gerada por essa atividade.

Hoje o Brasil já é o 11º maior produtor mundial de mel, registrando 33,7 mil toneladas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. O setorial da Apicultura surgiu com a finalidade de organizar as cooperativas e associações para que a produção seja beneficiada e ganhe valor agregado. Dessa forma, se promove o aumento e distribuição de renda e o desenvolvimento local.

É um setor que faz articulação em uma perspectiva da sustentabilidade, da inclusão social, da geração de renda, da transferência do conhecimento e da busca a interação com seus parceiros. Defende a agroecologia e gera produção orgânica em regiões que oferecem condições para tal manejo. Contribui para preservação do meio ambiente especialmente pela polinização realizada pelas abelhas e respeita a cultura do produtor e do morador local.

Evidentemente, há desafios, como superar a dificuldade de acesso ao mercado europeu, que exige produto certificado, sendo que essa certificação depende de construção e equipamento para novas casas de mel, além da adequação nos



locais já existentes. É necessária também logística de transporte da produção entre os apiários e a casa de mel, que será facilitada pela aquisição de veículos apropriados e, entre as casas de mel e o entreposto. Hoje há baixa utilização do entreposto de mel, com o processamento em apenas 20% de

sua capacidade, sendo ainda urgente o ingresso no mercado interno com produtos fracionados e compostos e, para tanto, é necessária a aquisição de equipamentos específicos.





“A UNISOL Brasil tem nos ajudado bastante com ações e articulações estaduais e nacionais, assim como através da participação no nosso planejamento, contribuindo para o fortalecimento da atividade dos empreendimentos, tornando-nos cada vez mais sólidos no mercado.”

*Lourimar Reis
Presidente da Comapi
Simplicio Mendes/Piauí*



ARTESANATO

Setorial do
Artesanato abrindo
caminhos para a
cultura popular





O setorial do Artesanato é formado por associações, cooperativas e grupos, filiados à UNISOL Brasil que, atuando de forma coletiva, seja por meio da produção, do uso do espaço físico ou da comercialização, transformam de forma manual, recursos naturais ou disponíveis na região, respeitando o manejo e o meio ambiente. Tem identidade própria que é representada por peças artesanais contemporâneas ou de raiz.

O setorial tem como grande desafio a viabilização econômica da atividade, por meio do resgate da cultura regional, da valorização humana, da melhoria da qualidade de vida, da prática do manejo sustentável e da introdução do design nas peças artesanais.

A articulação em rede dos empreendimentos busca alternativas conjuntas de comercialização em feiras e pontos de vendas, de aquisição de matéria-prima e equipamentos, além de qualificação por meio do





intercâmbio de experiências, troca de informações e consultorias que agreguem valor aos produtos e os tornem atraentes aos consumidores, ao mesmo tempo em que valoriza os saberes e características regionais de cada grupo.

O setorial agrega empreendimentos solidários de diversos estados do Brasil, como na região sisaleira da Bahia, em Fortaleza, no Ceará, na região do paraibano e outras.

Por meio de parcerias com o SEBRAE, o MDA e outras, a UNISOL Brasil atua para qualificar a gestão desses empreendimentos, obter novas linhas de crédito e viabilizar a participação em feiras e eventos, visando a sua auto-sustentação e seu desenvolvimento.



SETORIAIS DA UNISOL BRASIL
ARTESANATO



“A construção do setorial do Artesanato só foi possível porque os membros da UNISOL Brasil se mobilizaram para que se constituísse este espaço de discussão. A organicidade do setorial, a criação de redes nos estados e espaços de comercialização em feiras são resultados desta luta para a concretização do artesanato no âmbito nacional.”

*Elione Alves Souza
Presidente da Cooperafis
Valente/Bahia*



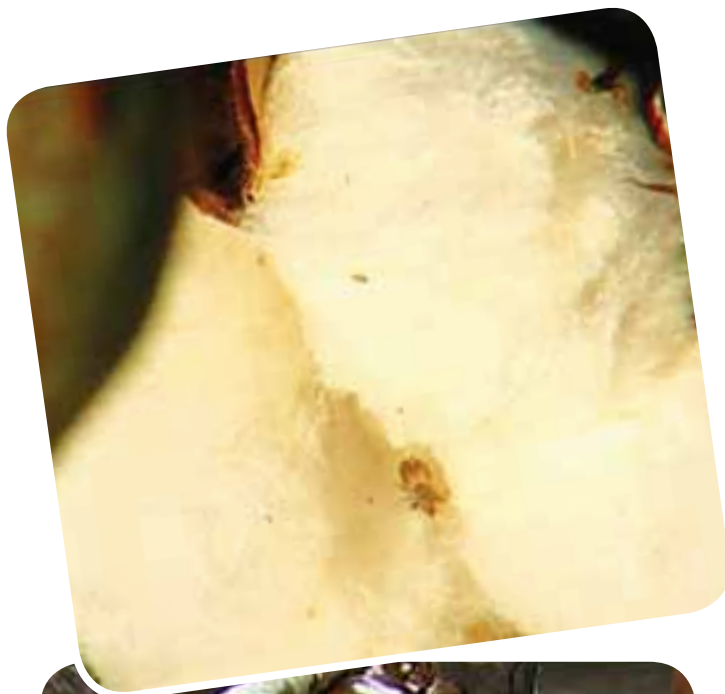
CONFECÇÃO E TÊXTIL

Setorial de Confecção e Têxtil: tecendo sonhos



O setorial Confecção e Têxtil na UNISOL Brasil é formado por empreendimentos autogestionários, como cooperativas e associações. Essas organizações representam a produção de uma grande diversidade de produtos, como fios e tecidos, confecção em geral, calçados, utilitários e acessórios. As matérias primas utilizadas são orgânicas, Agroecologia, além de fibras sintéticas e outras. Seus empreendimentos são geridos de forma coletiva e buscam se organizar em redes e cadeias produtivas, como a Justa Trama e a Trama da Mata.

O setorial busca unir o potencial e a experiência das empresas recuperadas do ramo têxtil com a diversidade de experiências e produtos do ramo de confecção. Através da parceria e formação de uma rede entre esses empreendimentos, pretende-se, cada vez mais, aperfeiçoar os processos produtivos de forma integrada, buscando qualidade, aumento da capacidade produtiva e um maior poder de compra que leve a uma inserção mais ampla no mercado nacional, e junto às próprias cooperativas de outros setores que são consumidoras desses produtos.





Um exemplo da amplitude do trabalho que este setorial desenvolve pode ser encontrado na cadeia produtiva do algodão, da rede Justa Trama. Ela se inicia com a cultura do algodão por agricultores familiares, e passa sucessivamente pelas fases de sementes e tinturas, fio & tecido, chegando finalmente à confecção. A cadeia envolve a cultura do algodão no estado do Ceará e o trabalho de homens e mulheres de sete estados da Amazônia (na fase de sementes e tinturas). Depois são fabricados os fios e tecidos no estado de São Paulo e a cadeia se conclui com a confecção das roupas nos estados de Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.







Há, claro, grandes desafios na comercialização da produção, na criação de novos produtos, na qualificação e na obtenção de novas fontes de financiamento, mas esses desafios representam, na verdade, um incentivo a mais para que os empreendedores solidários do setorial de Confecção e Têxtil continuem trabalhando cada vez mais para realizar os sonhos de toda uma coletividade.



“Nós, da Adec, sentimos-nos fortalecidos pelo apoio e assistência que recebemos da UNISOL e por fazermos parte da Central Justa Trama. Assim participamos da luta conjunta para construirmos uma economia sustentável.”

*Francisco das Chagas Loiola Maia
Presidente da Adec
Jaguarari/Bahia*



FRUTICULTURA

Na fruticultura,
diversidade
e espírito
empreendedor



A identidade do setorial da fruticultura é formada por empreendimentos coletivos, que podem ser da agricultura familiar ou urbanos, e têm como meta a agroecologia, sendo que sua renda principal vem do cultivo de frutas e/ou produtos derivados.

O setorial foi formado em encontro realizado em Campina Grande, na Paraíba, no mês de maio de 2008, reunindo empreendimentos do Nordeste, Norte, Sul e Sudeste, que compartilharam informações e experiências com o objetivo de





definir as estratégias e ações do setorial para o fortalecimento dos empreendimentos.

O perfil do setorial da fruticultura é bastante heterogêneo, pois os vários empreendimentos carregam as características de suas regiões a partir das vocações e peculiaridades regionais, características climáticas, hábitos e costumes de cada cultura.

Nessa heterogeneidade destacam-se a cajucultura na região Nordeste; a citricultura na região Sudeste - com produção de sucos orgânicos exportada através do Comércio Justo; as frutas nativas típicas da região amazônica, com ênfase na fruta e na polpa do açaí; o cultivo de espécies nativas e comerciais na região de Campina Grande, na Paraíba, com destaque para o beneficiamento e





comércio de frutas in natura; e, por fim, a fruticultura irrigada em Pernambuco, na região do Vale do São Francisco, mais especificamente na região de Petrolina. Registra-se que essa produção e beneficiamento de frutas são possíveis graças aos projetos de irrigação implantados pelo governo federal.



A iniciativa da UNISOL Brasil, convidando os empreendimentos da Fruticultura de várias regiões do país para um encontro em Campina Grande, na Paraíba, em maio de 2008, culminou na criação oficial do setorial da Fruticultura. A participação de representantes de empreendimentos de todas as regiões do país, cada um com suas especificidades e complexidades, foi importante para a definição das estratégias e ações do setorial para o fortalecimento dos empreendimentos.

*Robson José do Nascimento
Presidente da Copaimt
Petrolina/Pernambuco*





Organização Social e Cooperativismo: este é o caminho

Luiz Carlos Simion
Coordenador Geral da Rede Terra

Na entrevista abaixo, Simion, confirma que o caminho para a mudança social passa (também) pelo cooperativismo.



1. Em qual contexto foi criada a Rede Terra?

A Cooperativa nasceu da necessidade que os agricultores tinham de facilitar a comercialização de seus produtos. Não temos uma história diferente do que acontece em milhares de cidades e com milhões de brasileiros no nosso país que estão envolvidos com o cooperativismo. Os agricultores não conseguiam trazer seus produtos às cidades, perdiam produção e, quando conseguiam vender a algum atravessador, os preços eram bem menores.

2. Desde a fundação da cooperativa, quais mudanças você observa no cenário nacional da Agricultura Familiar?

A cada dia existe uma demanda cada vez maior por alimentos e o estado brasileiro, por meio do IBGE reconheceu e mostrou à sociedade a importância deste segmento como o responsável por boa parte da cesta básica do brasileiro. Também, neste período foram criadas importantes políticas estruturantes e estratégicas para o fortalecimento da produção familiar, como a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – PNATER e o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE.

3. Qual a importância da parceria entre a Rede Terra e UNISOL Brasil?

Nós estamos localizadas no interior no estado de Goiás. Temos a nossa dinâmica política própria na região. A filiação à UNISOL se deu da necessidade de estarmos organizados dentro de Goiás e, num segundo momento, em todo o Brasil. Nos sentimos representados e, a partir da UNISOL podemos participar no debate nacional sobre as mais variadas temáticas. E, este envolvimento nacional, nos fortalece na ação local. As autoridades municipais nos olham de maneira diferente e, com respeito, avançamos em agendas que até então eram desconsideradas.



4. Em sua opinião, qual a importância de convênios estratégicos desenvolvidos pela UNISOL Brasil, como a parceria firmada com a SDT/MDA?

Essas ações da UNISOL são muito importantes para os empreendimentos. A UNISOL representa um setor da economia solidária muito bem organizado. Esses empreendimentos possuem capital social significativo para acessar políticas de fomento, crédito e possuem boa capacidade de gestão. Já os empreendimentos da agricultura familiar possuem características diferentes. E, neste sentido, os convênios firmados entre a UNISOL e a SDT/MDA vêm de encontro às nossas necessidades. Muitas vezes os empreendimentos possuem bons projetos, boas perspectivas e dispõem de articulação suficiente para acessar os recursos, mas temos dificuldades na captação, na elaboração dos projetos e, em seguida, na gestão.

5. De que forma você avalia o impacto das políticas públicas voltadas à Agricultura Familiar?

As políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar foram criadas prevendo impactos sociais, produtivos e ambientais no âmbito da agricultura familiar, no entanto estes impactos são maiores onde há organização social. A formação de associações, cooperativas e redes de economia solidária é um processo fundamental para a consolidação destas políticas.

6. Quais os principais desafios encontrados hoje em relação às políticas públicas?

No Censo Agropecuário de 2006 foram identificados 4,3 milhões de estabelecimentos de agricultura familiar, considerando o tamanho do Brasil e toda a sua diversidade cultural, ambiental e social, a disseminação destas políticas é um grande desafio para as organizações governamentais e não governamentais de assistência técnica e extensão rural, o que leva a outro desafio de caráter emergencial, a formação de técnicos aptos a compreender e praticar a PNATER.

7. Como você observa possíveis oportunidades com os eventos Copa do Mundo, Olimpíadas e Paraolimpíadas?

Acreditamos que o fato do ex-presidente Lula ter conseguido trazer estes importantes eventos ao Brasil – Copa e Olimpíadas – mostra que o Brasil está sendo respeitado lá fora. Na política internacional o Brasil realmente está bem posicionado. Já as oportunidades para estes eventos são muitos. Acontece que temos que resolver tantas coisas grandes e, fico com medo de que não tenhamos tempo para encaminhar soluções para pequenos desafios. Oferecer uma Copa com alimentação orgânica é um desafio apresentado pelo Governo Federal. Precisamos alavancar as ações para que isso ocorra: fomento, crédito, mercado, marketing, organização social, formação.



8. Em sua avaliação, como foi o ano de 2011 para os empreendimentos da Agricultura Familiar filiados a UNISOL Brasil? E o que esperar de 2012?

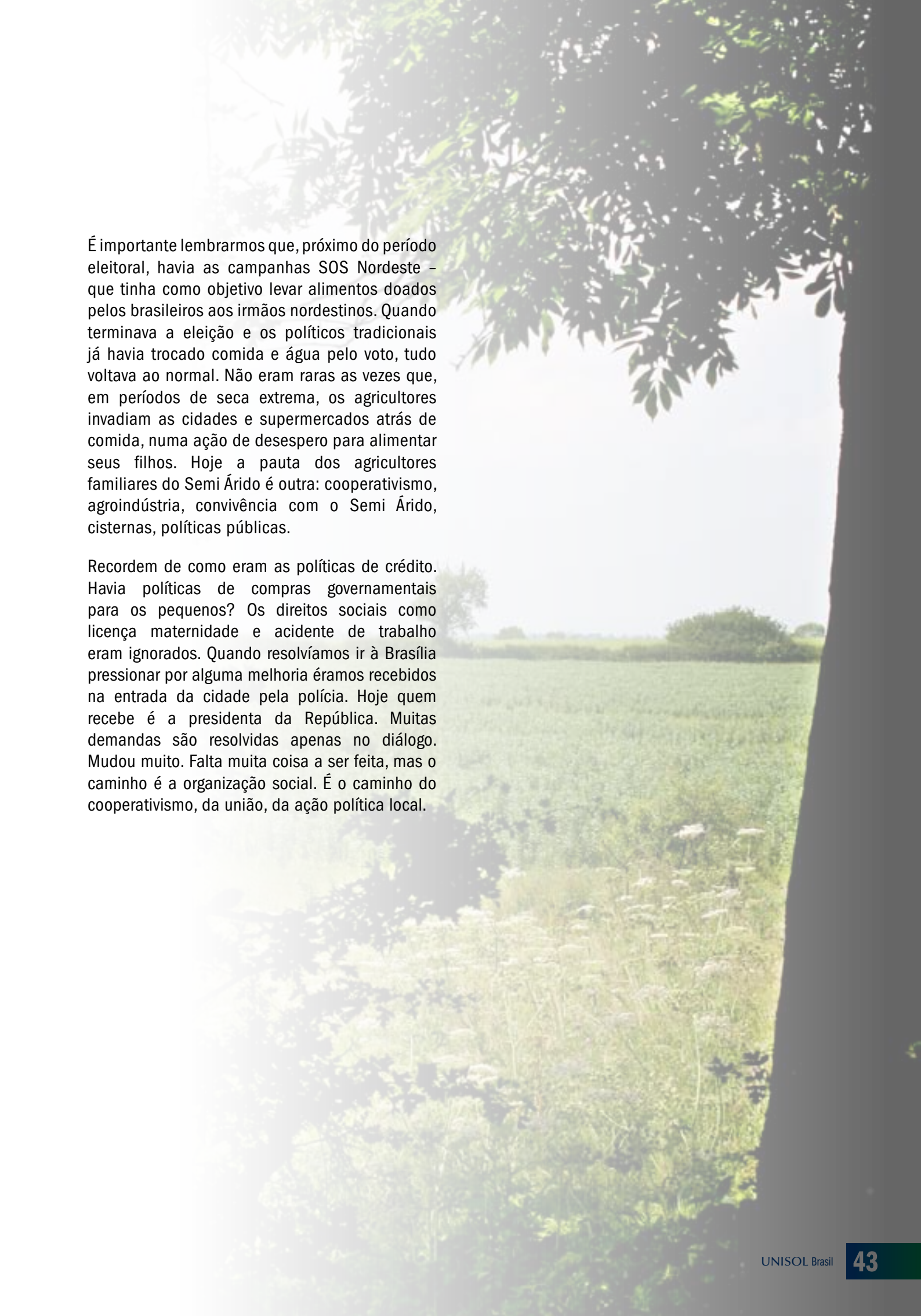
Os empreendimentos da agricultura familiar são diferentes e merecem atenção especial devido a esta particularidade. Acreditamos que a UNISOL cumpriu o seu papel – que é o de representação política. Temos acentos em importantes fóruns e conselhos em nível estadual, nacional e internacional. Nossos dirigentes são forjados na luta cotidiana e se preparam para o debate ouvindo os empreendimentos. Além disso, temos encontros e intercâmbios freqüentes com os dirigentes e colaboradores da UNISOL. Conseqüentemente, nos sentimos parte de uma grande rede que se constrói diariamente e que possui uma vida orgânica magnífica. A nossa avaliação é super positiva.



9. Qual a mensagem que você deixa aos agricultores familiares das diversas regiões do País?

Eu diria aos agricultores familiares para olharem para trás e, em seguida, avaliarem o que conquistamos. Basta nos lembrarmos como eram feitas as políticas públicas antigamente. Era na base da bala, da pressão. Observem como eram feitas as barragens hidroelétricas antigamente. Observem que eram planejadas as ações de transferência de mão de obra dos agricultores familiares para os centros urbanos. Lá, eram jogados em favelas e ofereciam seu suor para a construção civil. As famílias eram deixadas no interior em terras abandonadas e sem nenhuma perspectiva de vida.





É importante lembrarmos que, próximo do período eleitoral, havia as campanhas SOS Nordeste – que tinha como objetivo levar alimentos doados pelos brasileiros aos irmãos nordestinos. Quando terminava a eleição e os políticos tradicionais já havia trocado comida e água pelo voto, tudo voltava ao normal. Não eram raras as vezes que, em períodos de seca extrema, os agricultores invadiam as cidades e supermercados atrás de comida, numa ação de desespero para alimentar seus filhos. Hoje a pauta dos agricultores familiares do Semi Árido é outra: cooperativismo, agroindústria, convivência com o Semi Árido, cisternas, políticas públicas.

Recordem de como eram as políticas de crédito. Havia políticas de compras governamentais para os pequenos? Os direitos sociais como licença maternidade e acidente de trabalho eram ignorados. Quando resolvíamos ir à Brasília pressionar por alguma melhoria éramos recebidos na entrada da cidade pela polícia. Hoje quem recebe é a presidenta da República. Muitas demandas são resolvidas apenas no diálogo. Mudou muito. Falta muita coisa a ser feita, mas o caminho é a organização social. É o caminho do cooperativismo, da união, da ação política local.

UNISOL Brasil: ações e perspectivas para o desenvolvimento da agricultura familiar sob a ótica da Economia Solidária

Por Israel de Oliveira Santos
Engenheiro Agrônomo e Coordenador Nacional do
Setorial de Agricultura Familiar da UNISOL Brasil

Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável: duas questões profundamente relacionadas, como revela Israel Santos no artigo abaixo.



Agricultura Familiar tem despertado um forte interesse no Brasil, enfaticamente percebido nas últimas décadas, mais precisamente a partir dos anos 90. Isto se deu graças ao surgimento do debate sobre o desenvolvimento sustentável e a multifuncionalidade do espaço rural. O modelo “produtivista”, centrado na função da agricultura como fornecedora de alimentos e matérias primas, cede lugar à ótica da multifuncionalidade que rompe com o enfoque exclusivamente setorial e amplia as funções atribuídas à agricultura.

Além da produção de alimentos e matérias primas, o espaço rural seria responsável pela conservação dos recursos naturais (água, solos, biodiversidade), pelo patrimônio natural (paisagens), preservação

das tradições culturais, pela produção de alimentos de qualidade e segurança alimentar. Todas essas funções poderiam ser exercidas de modo mais eficiente pelo modelo familiar do que pelo modelo patronal.

A contraposição entre a agricultura familiar e a agricultura patronal também é bastante comum, mas envolvida em muita confusão conceitual, especialmente com as noções de agricultura de subsistência e agricultura comercial. Há quem defenda, por exemplo, que a agricultura familiar consiste naquela realizada em propriedades de até 100 hectares, confundindo assim o modo de fazer a agricultura com o seu porte. Embora, muitas vezes, haja uma associação entre modo e porte, a falta de clareza nas abordagens pode levar a consequências no mínimo indesejáveis quando se trata de políticas públicas.

A agricultura familiar foi reconhecida oficialmente pela Lei 11.326, de 24 de julho de 2006, sendo definida como aquela praticada em estabelecimento dirigido pela família, que tenha renda predominantemente oriunda deste, cuja área não exceda quatro módulos fiscais e utilizando mão de obra predominantemente familiar. O último censo agropecuário realizado em 2006, pelo IBGE, deu especial atenção a esta categoria, gerando estatísticas oficiais sobre a agricultura familiar, a partir da adoção do conceito da referida lei, fruto do reconhecimento pelo Estado brasileiro da importância econômica e social deste setor, importante gerador de ocupação, renda e alimento para o País.

Segundo dados deste censo, a agricultura familiar ocupa 30,5% da área total dos estabelecimentos rurais e concentra apenas 25% do total de crédito agrícola. Porém, ela agrega 77% do total de trabalhadores ocupados na agricultura e representa 38% do valor bruto da produção nacional. Além disso, para que se tenha uma idéia, 67% do feijão, 84% da mandioca e 49% do milho produzidos no Brasil são produtos da agricultura familiar.

De acordo com alguns estudiosos da década de 1970, os países com maior crescimento econômico tenderiam a desenvolver uma multiplicidade de grupos de interesse, logo a participação política cresceria a partir do fomento de movimentos representativos derivados do processo de segmentação da sociedade, o que seria incentivado pelo maior desenvolvimento econômico. Ou seja, a dinâmica associativa estaria correlacionada a alterações nas esferas socioeconômicas e/ou políticas.

No campo econômico, este processo estaria levando à necessidade de reestruturação dos modelos e estratégias produtivas, a fim de se adaptar às maiores exigências de flexibilização e interdependência de mercados e economias transacionais. Por fim, do ponto de vista social e cultural, a crise dos instrumentos tradicionais de encaminhamento de demandas e representação política, basicamente os partidos políticos, estaria levando os indivíduos a buscarem novas formas de ação territorial integradas ao programa global, formas que se concretizariam no modelo de redes de ação social.

Para isso, é importante a formação destas redes entre as organizações da agricultura familiar, sob a ótica da Economia Solidária que, consistem numa nova forma de relacionamento econômico, que não prioriza o capital, mas o ser humano e o meio ambiente. É considerada como um passo concreto e indispensável para dar credibilidade e gerar



intensa adesão social aos propósitos de uma nova arquitetura mundial, além de se fazer necessária para evitar o oferecimento de uma ideologia mistificadora, de alternativas inaplicáveis. A adesão crescente dos trabalhadores às alternativas de trabalho e renda de caráter associativo e cooperativo, ao lado da multiplicação de organizações representativas e de apoio, configura gradativamente a Economia Solidária como um novo campo de práticas.

No enfrentamento das questões sociais e na elaboração das políticas e ações para a agricultura familiar, as redes também passaram a compor notadamente o cenário das propostas teóricas e experiências em grandes centrais de Empreendimentos da Economia Solidária, a exemplo da UNISOL Brasil. Esta, mesmo já tendo em sua composição administrativa setoriais ligadas à agricultura familiar como a de Apicultura, Fruticultura e até mesmo de Artesanato, teve em seu último Congresso Nacional, a demanda e criação da Setorial da Agricultura Familiar apresentada a partir da mobilização dos diversos empreendimentos filiados, encontrados em todo o território nacional.

Neste contexto, a UNISOL Brasil tem desenvolvido uma experiência de assessoria técnica e extensão rural aos empreendimentos da agricultura familiar, organizados nos territórios do Norte, Nordeste e Centro Oeste, por meio de projetos em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Agrário, com parceiros estratégicos como o SEBRAE Nacional, Fundação Banco do Brasil, Agência de Desenvolvimento Solidário da CUT etc., visando a geração de ocupação e renda para o público da Agricultura Familiar. Para isto, utiliza de metodologias participativas e com foco na organização coletiva desse público tão pouco lembrado em outros momentos históricos.

Esse trabalho tem como um dos focos principais combater um fenômeno cada vez mais crescente: o êxodo rural. Para tanto, a estratégia adotada

consiste em intensificar as ações voltadas aos jovens e às mulheres abordando temáticas relacionadas à organização comunitária, o associativismo, o cooperativismo, a organização da produção, organização da produção para comercialização, dentre outras temáticas pois, segundo estudos recentes, são estes os mais atingidos pelo êxodo, o que se deve a um complexo e histórico conjunto de fatores socioculturais. Fatores estes que só serão minimizados a partir de parcerias firmadas entre governo, movimentos e organizações representativas, a exemplo da parceria celebrada entre a UNISOL Brasil e o Ministério do Desenvolvimento Agrário.





Notas

Empreendimentos de Economia Solidária filiados à UNISOL Brasil estão a um passo de fornecer alimentos a restaurantes e hotéis do País durante os jogos da Copa do Mundo de 2014. A ação faz parte do projeto Talentos do Brasil Rural – Agricultura Familiar. Entre os empreendimentos estão a Acodecol (Associação Comunitária de Desenvolvimento Artístico e Cultural de Caracol), de Mato Grosso do Sul, a Apoms (Associação de Produtores Orgânicos do Mato Grosso do Sul) e a Cocajupi (Central de Cooperativas de Cajucultores do Estado do Piauí).

O Plano de Negócios DRS (Desenvolvimento Regional Sustentável) em Itapeva, interior de São Paulo, recebeu em 2011 a parceria da UNISOL Brasil no cultivo de hortaliças orgânicas. O termo de cooperação foi assinado entre a entidade e representantes do Banco do Brasil, da Federação da Agricultura Orgânica e da Cooperorgânica (Cooperativa de Produtores Orgânicos). Com o compromisso firmado, a UNISOL Brasil poderá auxiliar na articulação política, viabilizar mais canais de comercialização e fortalecer o setor da Agricultura Familiar, entre outras ações.

Entre 2003 e 2010, o Governo Federal estruturou um conjunto de políticas públicas permanentes voltadas para a agricultura familiar e para o desenvolvimento rural. Com o Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), o Mais Alimentos e o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), o volume de créditos aos agricultores familiares ao longo destes oito anos passou de R\$ 2,4 bilhões para R\$ 16 bilhões. O novo dinamismo se refletiu na redução da pobreza rural, na melhoria da renda e da vida de milhares de brasileiros.

OMDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário) fechou 2011 com um dos balanços mais positivos dos últimos anos e com realizações expressivas. Um dos exemplos foi o lançamento da Rede Brasil Rural, um revolucionário e inovador portal na internet. A nova ferramenta oferece todas as condições para aumentar a renda dos agricultores familiares, ampliar o crédito para o setor, reestruturar a assistência técnica e criar mercados institucionais para a venda da produção.

Com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável, a articulação de políticas públicas e o controle social, a Lei nº 11.947/2009 determinou que, no mínimo, 30% dos recursos repassados pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) sejam para alimentação escolar, na compra de produtos originários da Agricultura Familiar. A Cooperorgânica (Cooperativa de Produtos Orgânicos), filiada a UNISOL Brasil, já distribuiu alimentos para merenda escolar em 13 municípios da região Sudeste. Entre as cidades contempladas está Santo André, no ABC Paulista.

OCDH (Conselho de Desenvolvimento Humano) assinou convênio no valor de R\$ 135 mil com a Apra (Associação dos Produtores Rurais de Ajaratubinha) para disponibilizar barco e demais itens que serão utilizados no transporte de abóbora, banana, mandioca, frutos de melancia, mamão, coco, feijão, milho, hortaliças e farinha de mandioca, entre outros produtos agropecuários. O barco diminuirá a dependência do transporte fluvial que é caro e instável. A entidade está localizada no município de Manacapuru e é filiada a UNISOL Brasil.

A presidenta Dilma Rousseff anunciou, em 2011, a redução dos juros nas linhas de investimento do Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar). As taxas, que são anuais, variam de 0,5% a 2% para todas as linhas, que passou a valer em julho do ano passado, início da Safra 2011-2012. Antes, os juros chegavam a 4%. Para a próxima safra, também foi anunciada a garantia de R\$ 16 bilhões para crédito e a unificação do limite dos investimentos para R\$ 130 mil.

Foi em tom de 'missão cumprida' que representantes da Coopasub (Cooperativa Mista Agropecuária de Pequenos Agricultores do Sudoeste da Bahia), inauguraram oficialmente, no dia 26 de setembro de 2011, em Vitória da Conquista, o Complexo Industrial. O início de uma nova fase contou com olhares atentos de dois mil sócios-produtores do empreendimento, que ao participaram da solenidade não deixaram passar nenhum detalhe. Também não faltaram câmeras fotográficas para registrar o dia que entrou para a história. O complexo entrou em funcionamento há cerca de dois meses e apresentando resultados acima do esperado. De acordo com o planejamento da cooperativa, ela funcionaria com 25% da capacidade no primeiro ano, porém nos primeiros dois meses de funcionamento, atingiu a marca de 60%.

Produtos da Casa Apis (Central de Cooperativas Apícolas do Semi-árido Brasileiro), Comapi (Cooperativa Mista dos Apicultores da Micro Região de Simplício Mendes) e Cocajupi (Central de Cooperativas de Cajucultores do Estado do Piauí) estarão nas prateleiras de duas importantes redes de supermercados: o Wal-Mart e Pão de Açúcar, das regiões Nordeste e Sudeste. A informação foi dada pelo gerente de projetos de agronegócios do Sebrae Piauí, Francisco Holanda, durante a sétima edição do evento Piauí Sampa, realizado no Shopping Eldorado em 2011.





AAcodecol (Associação Comunitária de Desenvolvimento Artístico e Cultural de Caracol) possuía certificação estadual para fazer a venda de leite pasteurizado, achocolatado, iogurte, bebida láctea e queijo mussarela. Com a tecnologia aliada ao conhecimento, o empreendimento conquistou o selo de certificação em nível nacional, para fornecer alimentos em todo o território brasileiro. Dessa forma, a expectativa é que as famílias de produtores passem de 650 para mais de mil. Além disso, a Acodecol precisará de 20 mil litros de leite por dia para fornecer a hotéis e restaurantes durante a Copa de 2014.

Os agricultores familiares do Piauí terão R\$ 250 milhões em crédito disponível pelo Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) para Safra 2011/2012, iniciada em julho. O anúncio foi feito pelo ministro do Desenvolvimento Agrário, Afonso Florence, em Teresina, durante reunião com o governador Wilson Martins. De 2002 a 2010, os valores financiados pelo Pronaf no estado cresceram 250%. Avançaram de R\$ 37,9 milhões na safra 2002/2003 para R\$ 132,8 milhões na safra 2009/2010.

Com apoio da Delegacia Federal do Desenvolvimento Agrário de Roraima, Projeto Brasil Local, UNISOL Brasil e Superintendencia da Agricultura de Roraima, foram desenvolvidos projetos de piscicultura em três municípios: Cantá, Caracaraí e Iracema. A iniciativa consiste na criação de peixes em tanques escavados no lote do próprio agricultor. A expectativa é de que sejam construídos mais de 70 tanques em quatro associações. O projeto escrito já foi finalizado e as parcerias para captação de recursos serão fechadas em dezembro deste ano. As escavações só podem ser feitas após o inverno por conta dos riscos de alagamento.

O processo produtivo do mel e de produtos apícolas pode ser dividido em três etapas: produção no campo; extração de mel e o processamento do produto para comercialização final. Os cooperados da Casa Apis (Central de Cooperativas Apícolas do Semi-Árido Brasileiro), por exemplo, possuem aproximadamente 35 mil colméias produtivas, e são remunerados de acordo com a produção e pela qualidade do mel produzido. A Casa Apis vende para o mercado institucional e para o mercado interno, além de exportar, desde 2007, a maior parte da produção para os Estados Unidos. A central também iniciou canal de venda com a Europa. Vale lembrar que a entidade é filiada a UNISOL Brasil e possui Certificação de Produção Orgânica e de produto Fair Trade.

ACopaimt (Cooperativa de Produção Agroindustrial do Projeto Maria Tereza) é formada por esposas e filhas de produtores da Agricultura familiar. Filiada a UNISOL Brasil e localizada em Petrolina (PE), a associação nasceu em 2004 a partir da necessidade de mulheres que decidiram constituir cooperativa de produção com unidade agroindustrial para transformar frutas em polpa e doces. O Projeto Maria Tereza envolve um total de 500 famílias e a cooperativa trabalha com processamento de frutas como banana e goiaba vermelha. A Copaimt também direciona os trabalhos para a produção artesanal de doces como o nego bom, doce de banana de corte, doce de goiaba de corte, geléia de banana e doce de goiaba cremoso, que são destinados ao mercado local, feiras e eventos, prefeituras da região e para a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento).

Em Teresina, no Piauí, foi realizada a segunda Edição do Congresso Nordestino de Apicultura e Meliponicultura, durante os dias 01 e 02 de dezembro de 2011. O evento é promovido pela Federação das Entidades Apícolas do Piauí, Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas) do Piauí, Governo do Estado do Piauí, Secretaria de Desenvolvimento Rural do Piauí e União Nordestina de Apicultura e Meliponicultura. O congresso foi criado no âmbito do Projeto Apis Nordeste, tendo sua primeira versão realizada em Salvador, na Bahia, em novembro de 2009, com o objetivo de promover a integração, intercâmbio, difusão e socialização de conhecimentos, experiências, tecnologia e inovação, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e fortalecimento da cadeia produtiva.

AChico Mendes, cooperativa de frutas secas da região de Modena, na Itália, contatou a Cocajupi (Central de Cooperativas de Cajucultores do Estado do Piauí) para que ela passe a comercializar castanha de caju na terra da bota. O primeiro lote com 100 caixas de 2.268 quilos de caju está pronto, sendo que 60 caixas já deixaram o porto de Natal e outras 40 foram despachadas em novembro de 2011. O início do acordo entre as duas cooperativas se deu em meados de setembro de 2011. As castanhas de caju fabricadas pela Cocajupi foram avaliadas na Itália antes mesmo que fosse definido um primeiro contato. No entanto, não demorou muito para que a resposta sobre o produto fosse a ótima qualidade.

OPAA (Programa de Aquisição de Alimentos) fechou 2011 com mais de 204 mil agricultores familiares inseridos no mercado institucional. O orçamento disponibilizado para esta ação foi recorde no ano passado, chegando a R\$ 794 milhões. A expectativa é continuar avançando em 2012, ano em que o Governo Federal prevê investir no PAA aproximadamente R\$ 1,2 bilhão com aquisições de alimentos para beneficiar cerca de 270 mil agricultores familiares.



UNISOL Brasil inova com moderno site

O comprometimento da UNISOL Brasil com os empreendimentos de sua base e parceiros institucionais possibilitou importante mudança em um dos principais meios de comunicação da entidade: nossa página virtual. O site está de cara nova, muito mais moderno e dinâmico.

A página recebeu funcionalidades e áreas exclusivas destinadas a eventos, editais, galerias de fotos, vídeos e assessoria de imprensa.

O novo site da UNISOL foi desenvolvido sobre plataforma de gestão de conteúdo em software livre, ou seja, está alinhado ideologicamente e com as pretensões estratégicas e de conteúdo do projeto.

Agora notícias do Brasil e do mundo, no âmbito da Economia Solidária, podem ser acessadas por setorial, região e tema. Toda essa interatividade faz com que você participe de cada detalhe do site, enviando conteúdos noticiosos, fotos e vídeos por um canal exclusivo. A UNISOL também participa das redes de relacionamentos sociais, como o Facebook (<http://www.facebook.com/UnisolBrasil>), Youtube (<http://www.youtube.com/unisolbrasil>) e Twitter (<http://twitter.com/#!/UnisolBrasil>), basta acessar, comentar e compartilhar.

Vale lembrar que toda essa conectividade não para por aí. O site da UNISOL agregará novas ferramentas. Tudo isso e mais um pouco você confere já nos próximos meses. Participe e não esqueça de se cadastrar no campo Newsletter, no canto direito da página, para receber notícias em tempo real.

Acesse: www.unisolbrasil.org.br



Realização:



Secretaria de
Desenvolvimento Territorial

Ministério do
Desenvolvimento Agrário



Apoio:

